



A Selvagem, língua do
Coração das Coisas

DÉRCIO BRAÚNA

"Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade"; esta sentença, herdamos-la do mestre Carlos Drummond de Andrade, à altura de 1930. Mas, felizmente, o impossível, aos poetas, é matéria de lavra, de talha, prova-nos isto o não morrer da lira, que resiste, mesmo quando o tempo do mundo é este: da inumania mais extrema, da coisificação do homem.

Mas as coisas se revoltam. Gritam. E quem senão o poeta para ouvir essa revolta? Para recolher em paredes de pedras todas riscadas com gritos rabiscos de dor e angústia e dessa dura matéria (resta-lhe outra nestes tempos?) dar corpo de palavra a suas sonhações? Quem senão o poeta para ouvir A Selvagem Língua do Coração das Coisas?


Décio Braúna ouviu-na, e mesmo que seu coração seja um punhado de angústias sob os escombros do mundo, esse escrevente de coisas sentintes dá-nos à vista suas delicadas brutas paisagens (demasiado humanas todas) e ao coração (músculo batedor que tanto apanha) suas mais fundas confissões qual o diário de um poeta que nunca veio a ser.

Mas como nada do que se escreve nos pertence, A Selvagem Língua do Coração das Coisas, transcrita pelo poeta em seus (impacíficos) versos, agora nos fala (grita) a nós todos nós todos a quem este tempo do mundo ainda não brutalizou de todo.

Que essa selvagem língua nos salve ("a poesia é um negócio de grande responsabilidade", já o disse o mestre Drummond) alguma coisa em nós.

A Salvação Língua do
Coração das Coisas

Amoroso
Rodrigo Marques,
com estima

João Branco
29/06/07


1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

A Selva em Língua do
Coração das Coisas

DÉRCIO BRAÚNA



Copyright © 2005 by Dércio Braúna

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Inácio Braúna



Rua Dom Jerônimo, 260 – Otávio Bonfim
Telefax: (85) 3281.2841 – Fortaleza – Ceará
realceditora@veloxmail.com.br

Bibliotecária: Lucélia Mara de Souza Serra - CRB 3a. Região-886

B83 Braúna, Dércio
A Selvagem língua do coração das coisas
Dércio Braúna. Fortaleza: Realce Editora e Indústria
Gráfica, 2005.

112 p.

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.91

CONTATO COM O AUTOR:
Rua Cel. Antônio José de Freitas, 1164 – centro
Jaguaruana-Ce – CEP: 62823-000
e-mail: derciobrauna@bol.com.br

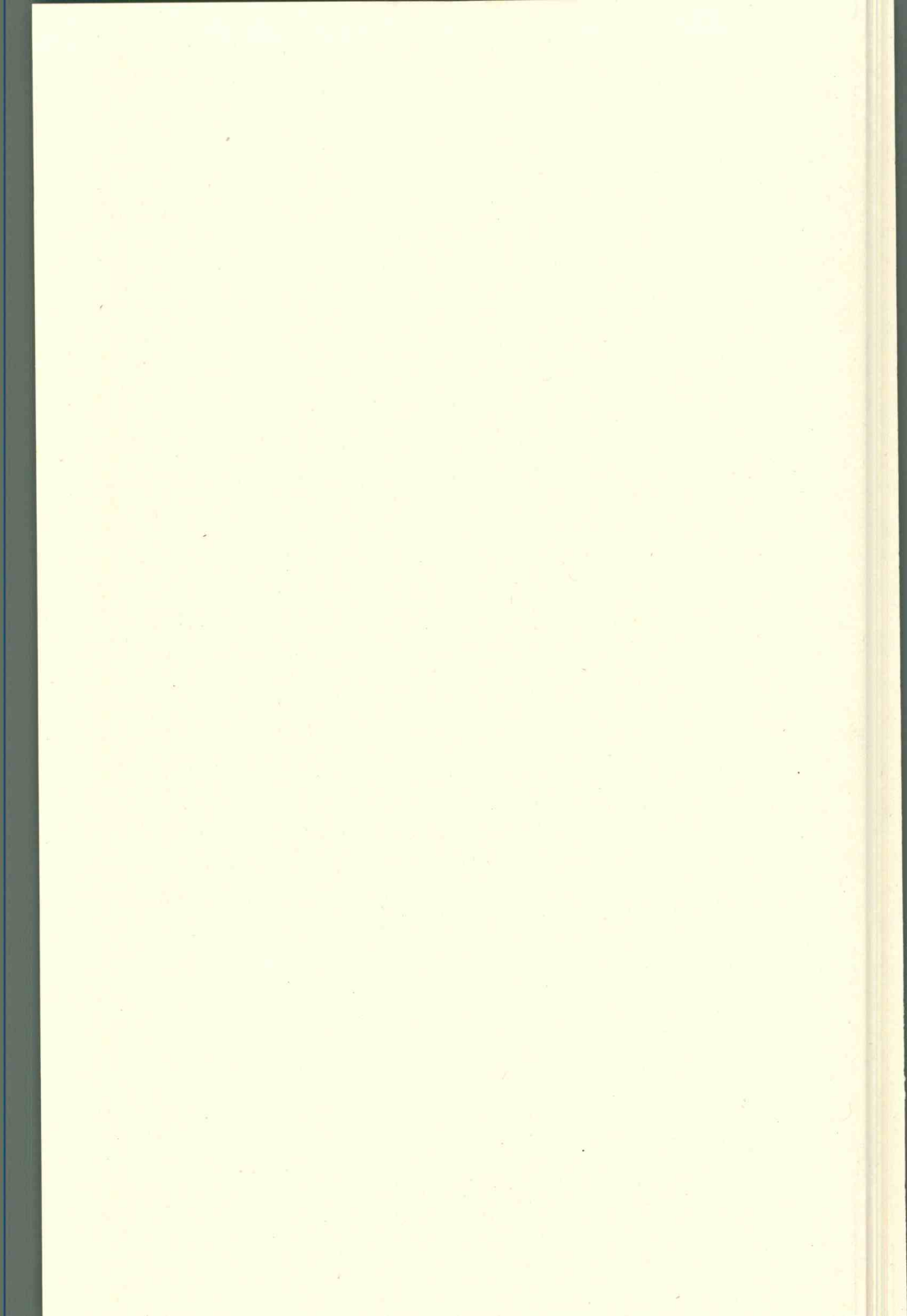


"ESTE PROJETO É APOIADO PELA LEI DE INCENTIVO
À CULTURA – Nº 12.464, DE 29 DE JUNHO DE 1995."

*A C. G.,
por tudo e sempre*

*Aos amigos tantos,
cá ficados sem nome*

*Às gentes que cá dentro me doem,
e que gritam de entre minha escritura,
que não é poesia — apenas um grito.*



São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A rosa do povo – Nosso tempo

E um deles disse:

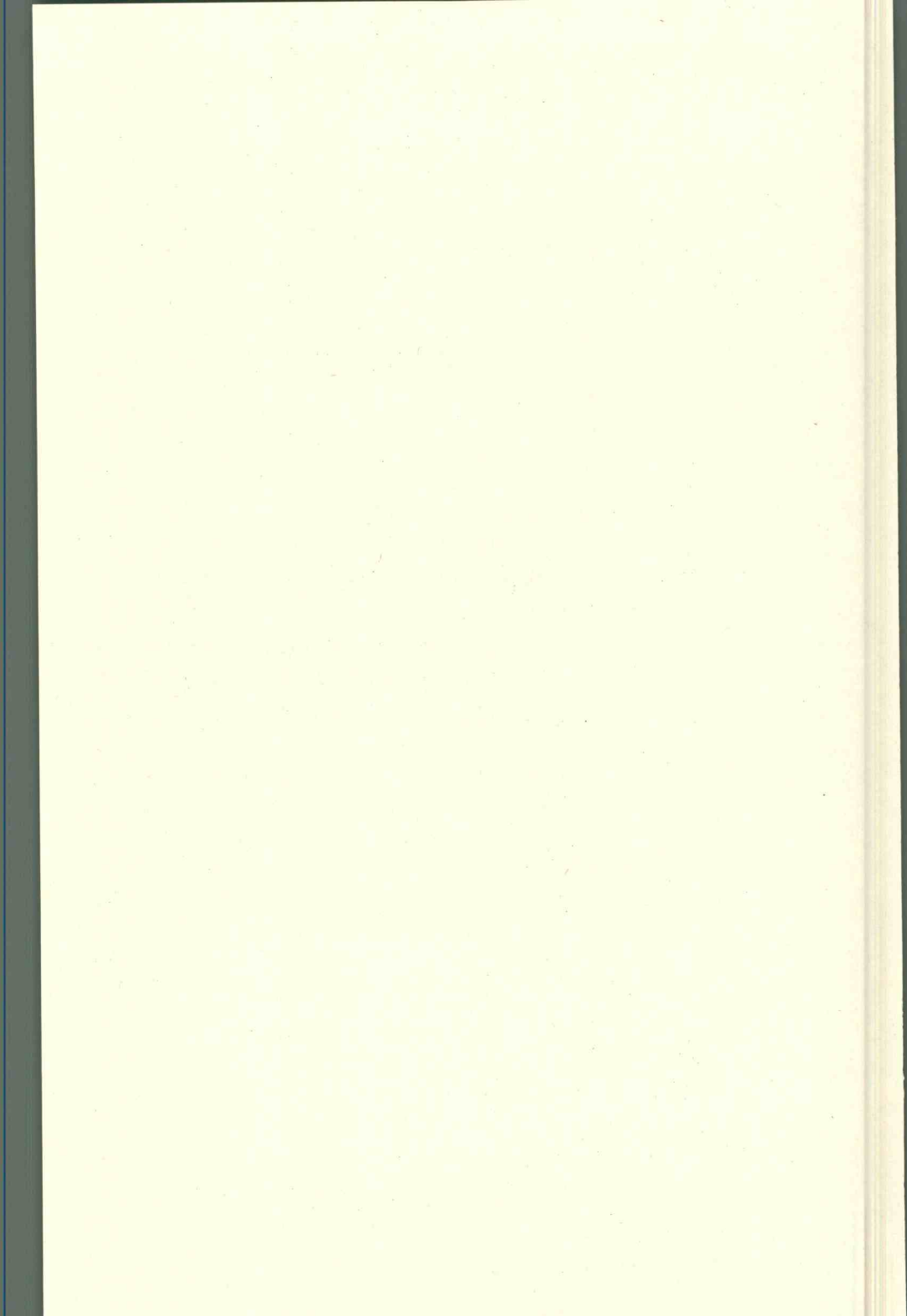
– Agora é preciso reconstruir tudo.

E uma mulher disse:

– Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas.

JOSÉ SARAMAGO

Objecto Quase – Coisas



ÍNDICE

Nota a uma nota (ou alguma breve consideração à desordem da ordem das coisas)	11
--	----

LIVRO DAS CONFISSÕES

Livro primeiro das confissões	17
Paredes de pedras todas riscadas com gritos	18
O que hemos	19
Duas telas	20
Cavalos selvagens	21
Corpo táctil	22
Rascunho	23
Sobrevivo	24
Oráculo	25
Vidências e iras	26
Rabiscos a partir de uma lição magistral	28
Fonte Q	29
Astronauta	31
Cada um	32
Meu pequeno poema, simplesmente	33
Diário de um poeta que nunca veio a ser	35
Banalíssimos dizeres íntimos de amor	41
Certo traço	42
Lírios de Magdala	43
Sob os dosséis de Roma	44
Versos ameo Senhor	45
Um ar para a escritura de um anjo novo de Havana	46
Apátridas	47
O espécime	54
A última videira	55

Vocífero anúncio de uma botânica nova	56
A rosa do Cáucaso	58
Lira arcaica	59
Livro segundo das confissões	61

LIVRO DAS PAISAGENS

Paisagens	65
O cavaleiro de Nadriexerlinus	70
O coração do azul	71
Araguaia	73
A tarde	75
Sobre Deus quando homem	76
Uma lira aos interditos	79
Balada aos marinheiros de Berneval	80
O tempo da delicadeza	81
Nauta	82
A visita	83
A barca das sonhações	84
Uma memória de dois olhos	85
Avenida	88
Flores murilianas sob a noite	90
Os homens que amaram os homens	93
A casa dos deuses idos sem mim	95
Beirute ante meus olhos	96
Os diamantes de Serra Leoa	98
Beira	99
Bombaim	102
Fortaleza	103
Profecia	105
Notas	107

NOTA A UMA NOTA
(OU ALGUMA BREVE CONSIDERAÇÃO
À DESORDEM DA ORDEM DAS COISAS)

Que dizer à ordem natural das coisas quando esta nos trai? Restam-nos as ressalvas, dirá alguma prudente alma. Se assim é, eis, pois, as minhas.

Estes poemas, *A selvagem língua do coração das coisas* de seu nome (escritos a que primeiro dou a iluminada nascença da página), não são primeiros; em verdade, são segundos. São eles (não diria a seqüência, mas o correr) do mesmo veio donde nasceu-me o *Pensador do jardim dos ossos*, este sim, de escritura primeira – meu livro primeiro.

A esse *Pensador* tive por bem dá-lo ao mundo iniciado por uma *Nota (ou inexorável confissão) a um possível leitor*, na qual se lia:

Não vai cá, a estes poemas, apresentando-lhes (como reza a boa tradição literária, sobretudo em se tratando de escritos primeiros), prefácio ou apresentação que lhes dê, um mínimo que seja, de respaldo; não vão cá, sinceras ou não, palavras dalgum, illustre ou não, nome das Letras.

Não; estes escritos estão sós e nudos em seu vir ao mundo. Cá estão, abertos, inteiriço corpo, dando-se ao devassamento de quem, por uma ventura ou acaso do destino, os venha a ler; estão abertos aos golpes e aos afetos, caso dalgum, alguma vez, sejam merecedores, por parte de vós, possível leitor.

Pretendia eu (insensível pai!) deixar que, sós em seu vir ao mundo, aqueles versos gritassem por si, sem mais terem que sua própria carnação de palavra.

Mas que dizer à ordem natural das coisas quando esta nos trai? Ou terei sido eu a traí-la? Por circunstâncias de haver sido um dos trabalhos selecionados no II Edital de incentivo às artes da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, esta *Selvagem língua do coração das coisas* pôde tomar corpo e parir suas todas falas, deixando que aquele *Pensador* (de escritura primeira) se venha depois. – Que assim haja de ser!

Certo, contudo, é esta desordem da ordem, é o fato de esta *Selvagem língua do coração das coisas* (escritos segundos que são), vir dá-se ao mundo por primeiro.

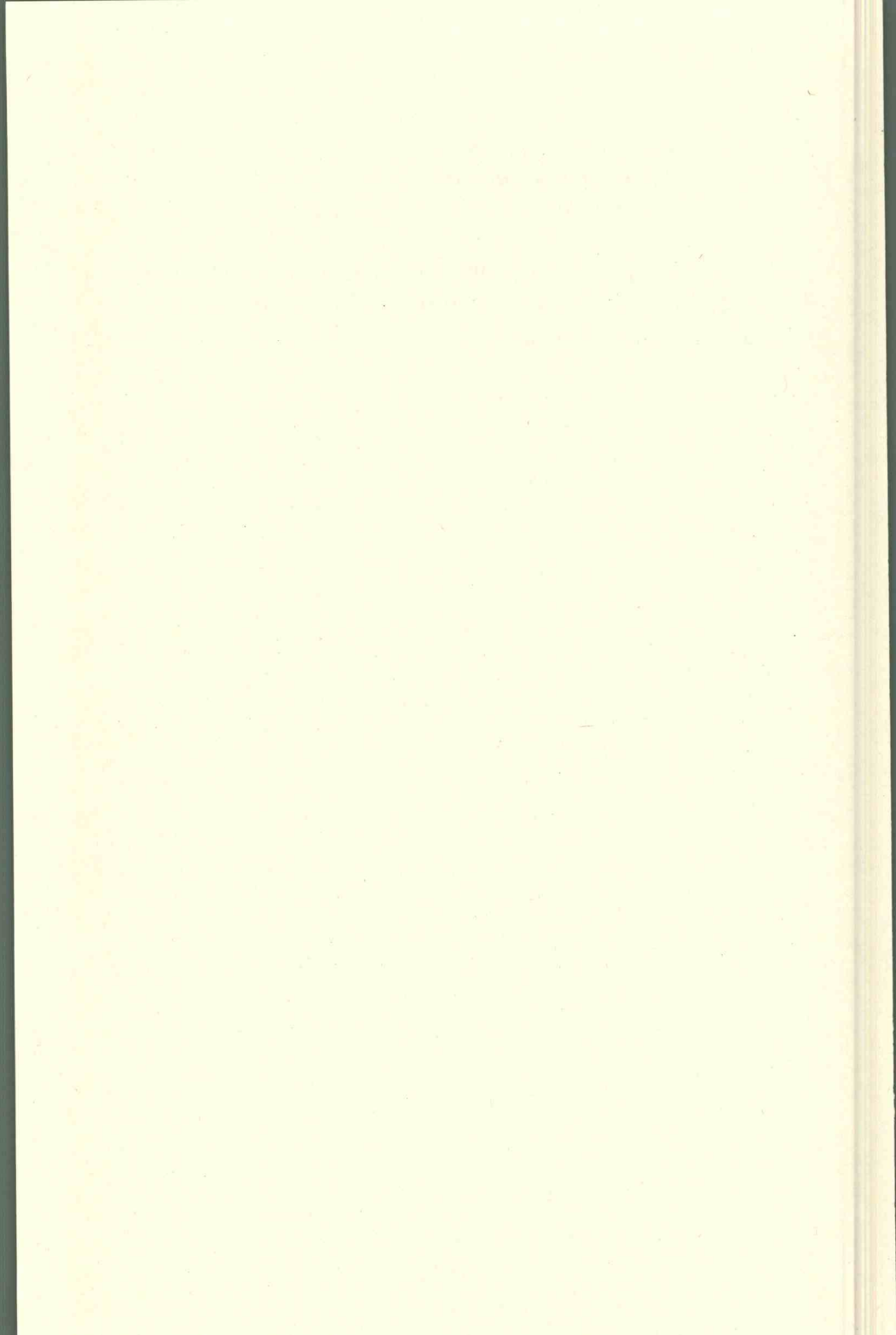
E se por primeiro vem, pois que nasça como nasceria *O Pensador*: na solidão de si mesma, sem mais amparo que sua própria carnadura; que à luz do mundo venha cambiante, sem mão qualquer de amparo, quiçá assim se lhe endureçam os ossos, para que resista, o mais que possa, aos golpes que lhe hão de vir. E, como ainda dizia aquela mesma *Nota*:

É bem certo que já há muito a poesia é dita supérflua, olvidada entre o concreto-mudo-tanto das muralhas que nos guardam inumanos tanto. É bem certo que haveis de ser, possível leitor, uma rara alma se vos derdes a ler estes escritos, não pelo que valham eles em si, claro está, mas simplesmente pelo buscardes ler escritos que se dizem poesia.

Lembro a vós, possível leitor, que esta poesia, muita vez confessada ao correr das páginas que se seguem, é sofredora e carecida de arte; é mais um grito de entre as ruínas de seu tempo; é menos uma flor sob o sol dos dias e mais uma erva-sem-nome-nem-eira entre monturos; não diz nada que já dito

não se tenha – mas “ninguém inventa a poesia. A leitura da poesia mostra ao outro o que é a poesia e lhe indica o caminho para reinventá-la”, nas palavras de um mestre.

Eis, pois, o único amparo, a única mão que te podia estender esse teu insensível pai, ó *Selvagem Língua do Coração das Coisas*.





Livro das Confissões

– *Que faço entre coisas?*
– *De que me defendo?*

FERREIRA GULLAR
Poema Sujo

LIVRO PRIMEIRO DAS CONFISSÕES

Meu coração
é um punhado de angústias
sob os escombros do mundo.

Nada se move
ou pulsa
no coração dos metais;
a poeira nutre seus parasitas
com os corpos dos vivos,
mas espero não tombar ainda:

acho que sou um poeta num *mundo caduco*l.

(E para poeta restam-me léguas:
sou antes um escrevente
de coisas sentintes.)

.....

PAREDES DE PEDRAS
TODAS RISCADAS COM GRITOS

Agora paro
a escrever estes versos
adiados há tanto.

Não os queria

Não os quero.

Vieram-me brutos. São brutos.
Brutos qual *paredes de pedras*
*todas riscadas com gritos*²

circundando olhos atônitos,

homens tombados,

mãos atadas,

gestos contidos,

garganta sem escritura –

calada de estrondo.

.

.

.

.

Lá fora o tempo se diz novembro;
uma flor não nascerá – nem da terra nem de tinta.

.

.

Tudo desumaniza!

.

.

.

.

.

Deslumbrar de tudo

é que bem queria!

Mas o coração

(um bloco de pedra todo riscado com gritos)

.

.

dá forma a um ídolo

.

desamparado triste,

.

.

e por tão brutos

.

.

já não sabemos

.

.

porque chora esse ídolo –

.

.

.

ídolo de pedra todo riscado com gritos.

.

.

.

O QUE HEMOS

Não nos demoremos na imitação
de um tempo antigo,
cantemos porém o que não
nos é dado,

o que a vida leva sua brevidade
em preparar na carne difícil
das coisas e dos homens,

inda que a ir já estejamos, pelos pés
que temos,
a pisar do chão

senão
seu morto rés –

eis o que hemos.



DUAS TELAS

penso que passarei
(engrenagem movida a branco)
intangível
pela cor

penso que, vão,
passarei dizendo, em língua branca, rosas ao sujo
(isto que é real e sensível)
do mundo

.....

CAVALOS SELVAGENS

escritas em suas próprias línguas,
todas as coisas
são esses cavalos selvagens
que nossas mãos
de medo-aço
não domarão jamais



CORPO TÁCTIL

I.

Só quando o amor escandaliza a existência
a vida arde

no corpo táctil

que é seu nome.

II.

É a escrita natural de todo ser
conhecer o calor da conjugação de outro
e depois partir-se,

ir-se

juntar

ao pó
do que
a vida

moldará em tempo ausente.

ORÁCULO

Acho que o nome empobreceu a imagem.

MANOEL DE BARROS
O livro das ignoranças

a poesia não está na palavra
(como uma coisa em si)
mas no olho de quem vê
o que lhe carrega o nome

♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦
♦

de cóleras
velando
estas tão violadas
visões minhas.)

A palavra mata.

II.

Ah, Poeta (estranha esfera do mundo!),
só tu tudo conduz ao reino desconhecido
 onde o coração bebe
na mesma fonte
 em que o olho delira!



RABISCOS A PARTIR DE UMA LIÇÃO MAGISTRAL

A vida inteira...
e tudo é quebrado
e vivo
(veloz e mínimo)
à mão que teima
em pôr cabresto
ao que é do ar
e só aí se sabe dançador.

A vida inteira...
e ao poeta é restado
senão ver-se assombrar
desse *susto das coisas*
jamais pousadas.³

A vida inteira...
imenso tempo
(quando tão breve)
para o desassossego
de quem
apenas
passa – esta que é uma iminência
humana tãoamente.

FONTE Q

meu coração (por excelência músculo)
é nada

se bomba fosse,
explodiria –
não radioativo
como um pão-de-elementos
(a quem haveria de alimentar?),
não como uma espoleta
(não, como ela não!)

explodiria meu coração
como gramínea rasteira
que se pisa mas que alimenta,
como açoite de nuvem escura –
fechada em seu denso,
aberta em sua paridura

enfim,
meu coração
(músculo batedor
que tanto apanha,
por excelência nada)
explodiria
humanamente
(como as coisas da vida)
e sob a terra arrebentaria então

bebido na fonte
(chamá-la-emos Deus?)
que lá há –
humanamente
(como as coisas da vida)



ASTRONAUTA

Adormeço na paz de meu inferno
armado de fuzis e velhas poesias
de rimas tão ridículas quanto eu.

A raiz de solidão dos seres é estranha:
suas hipocrisias violentam minha idiotice
de lhes querer amor.

Mas os amo;
amo prolificentissimamente –
solitário astronauta
de uma vida breve
tamanha!

CADA UM

Vejo cada um –
caracol
carregando sobre as costas
sua morada de tristeza.

Olho a água
parada
represa
numa poça:
a minha casa de tristeza
já é maior que meu corpo,
que resiste –
por teimosia,
não que possa ele esse heroísmo.

MEU PEQUENO POEMA, SIMPLEMENTE

I.

Vivemos num tempo
em que não se basta dizer
 FLOR
para que se sinta
o calor de dois corpos que se querem;
em que não se basta dizer
 MAR
para que se contemple
toda a imensidade das coisas sem medida.

Mas não quero
 (e não vou)
dizer mais que
 FLOR
 (esse infinito)
 e
 MAR
 (esse sem-fim).

É o meu poema!

II.

 A poesia
 (e o mundo)
não carece
das coisas

que sejam
mais do que aquilo que são.

III.

Mas tudo recresce
cada vez que parido.

.....

DIÁRIO DE UM POETA QUE NUNCA VEIO A SER

Possuo,
ao sabor das coisas amorosas que se possuem em sedício,
a profundidade do impossível.

Meu gesto, ainda quando acabado, requer que o comece por
desprendê-lo do corpo que é meu –
quando é certo ser também ele um mirante ao alto de um país
insular cantado por poetas abandonados ao alheio olho
das paixões.



Minha fala tarda em se fazer inteira;
chego a temer que nunca o venha a ser propriamente fala,
mas apenas prenúncios de meus gritos postos ao alto da noite,
a seu cimo,
ao ponto donde partem
para o absoluto do silêncio.

.....

Que de mim se desprende? Que parte sou no que abandono?

.....

São ruidosos meus braços enfiados neste fruto de gosto e luz,
ardorosa comunicação de seivas e alimento. Mas é preciso
que parta eu dessa tessitura ou já o não saberei sequer pensar
sua possibilidade.



O tempo costura as horas
com sua linha azul vaporosa,
fabrica as sendas de um arqui-senil império a
sempre vestir-se de um mar novo, de areia imaculada-morna,
de ventos respingados de cheiros d'além-terras.

O tempo costura nossos ossos de gozo e cansaço.
Mas,
eis que vinda a poesia (estrosa e seminal), eis que vinda ela, o
gozo trucidada o cansaço em suas águas mordentes.

E é quando o dia abre seu branco, e as coisas amorosas que
se possuem em sedício põem-se novamente máquinas do
mundo, e o corpo *recupera sua forma usual*¹, que o poema
enfim,

duro e real como o chão lambido de asfalto
ou como
o concreto sujo das paredes das Casas de Deus,
é que o poema enfim devolve os homens donde os
tinha tirado:
da vida – ou sua ausência.

Que de mim se desprende por estas palavras?
Quê?

.....

BANALÍSSIMOS DIZERES ÍNTIMOS DE AMOR

Como se não fosse eu, mas
outro (livre de mim que conheço),
sigo,
me aceito e faço –
obra minha quando tão tua.

Grito teu nome debaixo das letras,
insido sobre o corpo morno que se adensa
(livro de poemas, não escritos mas
bebidos
em teu perene arder
reaceso no verso
transcrito
onde só teu amor alcança, só ele!).

LÍRIOS DE MAGDALA

Por minha boca
grita teu inferno
em tumulto.

Tenro corpo!
Sentes?!

Jorro em ti
viços que os trouxe
a noite
dos lírios de Magdala,
rebento em tuas carnes lavas,
lavo tua garganta,
alimento tuas fomes
no caos solar
(o velho mergulho do homem!) –

sou teu bicho e teu deus
sob a mesma pele.

É teu odor
a erva
que minha língua
ama o gosto.



SOB OS DOSSÉIS DE ROMA

Pegue-me teu.
Apanhe-me
o gesto
que ponho
(entre lábios)
em tua boca.

Tome-me
como a um cão molente dócil
numa manhã de tessitura cinza-branca.

Ponha-me nudo;
(nudo
*
* como um santo nudo
*
* sob os dosséis de Roma)
*
* que este corpo
*
* carece dum evangelho,
*
* um que lhe esorra
*
* o dorso
*
* o ventre (seu baixo)
*
* antes de rebentar
*
* (ah essa planta nova
*
* e primeva do mundo!)
*
* neste templo particular dos bichos
*
* (carne de seu nome,
*
* pudenda de nossa ofensa).

VERSOS AMEO SENHOR

Dou-te-me.

E que é se dar? Quem o saberá?
Bastará o alvoroço das peles,
o derramamento de si
(transbordo e divinação)?
Bastará a adoração
dos silêncios fendidos em ardorosa sofreguidão de ais?

Ah teu bruto gesto de matar-me
das singelezas do amor!
Ah esta tua figura, minha criança!
Que de mim não se dá a ti de toda paz?
Que de mim não é paragem
de teu reino, mea Senhor?
Que de mim não é senda
a teu aprazimento?

Ah minha criança, mea Senhor!
Vem! Que só ante tua presença e formosura
se me não subleva o coração!
Vem! E guarda-me
perpétuo servo de tuas armas de sedício,
que aí quero toda a sorte de morrer-me!

UM AR PARA A ESCRITURA
DE UM ANJO NOVO DE HAVANA

Busco um ar por minha razão:
que seja leve,
que abrande para a escritura
o que é-me em mim
voraz gritamento de sonho e encantação.

Busco um ar:
que seja menos o das tardes suspensas
dos sepultamentos,
da dura faina dos queimadores de tijolos da infância;
que seja mais o da vista do olho prenhe, da coisa chã.

Busco um ar
para lavar minhas devoções –
minha colérica adoração dos homens!,
minha flor-endêmica das paixões!

Busco um ar que exale palavra –
iluminura de paisagem,
garatuja de herdamentos futuros
em papéis desescritos.

Busco um ar:
fecundo – como uma coisa enfiada de vida.

Busco um ar... –
um sol novo
sobre uma *Vieja Habana*
tua-minha...

APÁTRIDAS

nas usinas
a vida
tece um poema

com graxa
máquina mão
barulho



poema é
porventura
o que carrega a operária
abrigado em seu ventre
vindo das trompas de falópio
há pouco mais de uma semana? –
uma presença
sem denúncia
por agora
e não pense que
porventura
a palavra
a palavra porventura
aí se deposite
inutilmente
não!
quer ela dizer
perguntar
mais ainda
comiserar-se
da vida
se preparando
entre a graxa
e
o
barulho

será
porventura
poema
essa vida?



mas não somente há usinas
sob a cavalaria tácita
 (exército de nuvens)
 da tarde

há cores
destintas
a olhos distintos

quem pintou esse pé de homem?
esse baixo-ventre de mulher?
quem terá capturado esse olhar?
 a direção
 a tangente
mesmo o brilho
do olho

 que
 quando olhado
olha?

*
*
*
* quem me há em minha mão?
* ela escreve
* e não é minha –
* porque está suja de graxa
* e move uma máquina
* porque está pegada
* ao extremo de um cavador
* e cava
* (sem tempo que se possa precisar
* a idade do chão)

* e cava
* e a terra parece bicho que grita
* parece gente abrindo a boca
*
*
*
*

e gritando muda sob a terra –
de perto
parece-me a mim
(um eu
de mim soterrado)

mas de repente
um sopro mínimo
(mas que pode salvar um milheiro de almas)
um sopro vem
e arrasta outro
e outro se deixa arrastar
e então se faz ventania
e um hibernal outono desaba
comovendo
(como vendo)

o fruto das coisas
que ainda se prepara

comovida
(como vida)
a flor se abre –
em seu ventre bate um músculo:
é lá que habita o amor
(isto ouvi
ou supus ouvir
do punho de um poeta
morto em El Morro
que escrevia à luz dos olhos de ratazanas)

mas caberá

o amor
nesse pequeno músculo?

não duvido
pois que no amor
minha fala estanca
e contra mim se rebela

ah como quis eu
ser poeta de palavra terna!
de coração feito de coisa que vibre!
(feito primavera
se anunciando)

poeta de verso
onde não caiba a usina
que zune
no meio do meu corpo
cuspindo essa escura fumaça

quero e não posso:
o amor tem sua língua e seu país
e eu sou um apátrida de seu solo

mas não me hei de calar
posto que hoje compreendo
que a vida carece
de poetas de amor
e de poetas de usina –
e de tantos outros
que eu não conheço
de tantos outros

ainda com a garganta tapada
por uma mão bruta:

a poesia ainda carece
(e não carece – ah como não!)
de umas quantas folhas de papel
para gritar seu nome.



O ESPÉCIME

Eu não quero ver meus filhos
em vidros de laboratório
nem quero ser o sangue amargo
no vinho do ofertório.

Alguém cria uma nova criatura;
o milagre da vida é lacrado,
congelado e etiquetado
(será parte do arsenal da ditadura
que se avassala incontrolável
em prateleiras de aço inoxidável) –
cópias e cópias
de um mesmo bicho-deus!

Nenhuma salvará o homem.
Nenhuma.

A ÚLTIMA VIDEIRA

Os filhos de nossos filhos
não mais serão filhos,
serão produto
do incrédulo
e inculto progresso.

Os filhos, filhos do futuro,
serão videiras sem fruto
de secos ramos
putrefatos –
desumanos macacos.

Serão, talvez, cobaias da abscisão –
fetos de má formação.

Serão, talvez, o espasmo derradeiro
nas carnes do último ventre
antes do tempo em que o homem
será um bicho
na memória das eras.



VOCÍFERO ANÚNCIO DE UMA BOTÂNICA NOVA

A casca
(dentro é o homem?)
perpetua-se
num mundo preparado
para ser artefato,
engendro fátuo
de máquina serial de aniquilação –
sua botânica,
vocíferaz,
se exaspera.

A vida vai por ganhar lei
e ordem (seu cultivo
salta para a domesticação
mesmo do que é tácito).

A escritura se corpora em mão profana:
Deus requer nova concepção
entre o resíduo do aço e o pó.

Mas sob a insuspeição
da hora mais submissa
na rotação dos astros,
inaudível a tudo que,
porventura,
espreite oiças ao coração do mundo,
uma casca trinca
sua dura substância:
daí rebentou
a primeira germinação

duma planta nova –
que disséramos seríamos nós!

.....

A ROSA DO CAUCASO

O sangue inda escorria da cruz
quando o unicórnio, a semiluz,
pousou sua asa por sobre o esmaecer
da aurora: foi claro trovão seu resvalecer.

A asa pousada era tocada de alucinação;
o pêlo selvagem, o brado, o músculo
(viril contorno do púrpuro crepúsculo)
beijavam a pétala do sonho pagão

caída aos pés daquela que chorava –
não o deus, mas o filho a quem amava.

É sem consolo, ó mulher, teu êxtase
nesta catástrofe da Rosa do Cáucaso.

LIRA ARCAICA

*Escrita ao som da voz de
Teresa Salgueiro e dos Madredeus*

I. ROGO AMEO SENHOR

Adeante vam solemnes
Dezasseis arqueadas almas.
Pobres das cousas terrenes
Eh q vam as innocentes almas!

Pescosos aferros cerrados,
Seus grilhoes – ‘ste sinistro –
Sam q vem ameos olhos tardos
Rasar in-dor tudo q eh isto.

‘Stalmas assiirem arder
Demasiado samnos nós
Q eas fadamos in-mercê
Du q eh julgo feroz.

II. FINDO SONHAMENTO DE CHÃO PARA PÉS DE HOMENS DE PAZ

Ai, qu’este mundo
é já campos de mortos só!

Ai, que já tudo pare
senão um seu
asséptico osso por flor!

Ai, que já todo chão
é rasgado e avesso –
cautério só!

(Onde a seiva
que se sabia havida
anterior à casca?)

Ai!..., qu' este mundo
é o já por vir e findo
sonhamento de chão
para pés de homens de paz!

quem fiará valia?

Narciso desnomeia seus espelhos!

.....



Livro das Paisagens

*O que mais há na terra, é paisagem. (...)
a paisagem é sem dúvida anterior ao
homem, e apesar disso, de tanto existir,
não se acabou ainda.*

JOSÉ SARAMAGO
Levantado do Chão

PAISAGENS

I. A TERRA

A Luandino Vieira

Não é a mesma:
seu cheiro, seus matos paridos,
não é quanto era conhecido por meus pés.

Ando a calcá-la por amor:
porque o homem não se limpa
nunca jamais de si.

II. OS HOMENS

A Raul Brandão, em memória

Há os de minério,
os de lama fétida,
os de escassez e impotência...
os de decomposição:
porque imagem e semelhança de Deus.

III. AS ERVAS

Pelo chão,
comunicam carência
ao olho espiador:

pedem por seu extremamento derramado
em sementeira.

IV. O SAL (DA VIDA)

É da cor de teus ganidos,
ó fera de suor e tumulto,
de tu que te pões
dócil ante mim.

Deixa-me que o colha:
aceita teu músculo de gosto
posto em meu alvoroço;
escorre tua composição ventral
ante mim –
deus que te amparo
e fendo.

V. OS PÁSSAROS

A Majela Colares

Regressam a um céu novo.

O azul já não é cor:
derreou-se em fonte primal
entre os bichos felizes,
já tão humanamente aceites
com suas asas de réstias
preparando a claridade para o sono –
como *um cardume*
*de palavras em busca do ilusório*⁵.

VI. OSACROBATAS DO AR

*A Manoel de Barros,
porque as coisas não querem mais
ser vistas por pessoas razoáveis.*

Por este ar, riscam de dança
o céu sobre a cabeça dos harpistas;
saltam por seus pés
ajuntando ventos,
abrindo o sedício da flor difícil
entre o imenso da paisagem.

Dançadores doutra claridade,
seus movimentos têm prevalência
na ordem singular dos azuis:
ante o olho,
desatam nas singelezas do espiador
uma contemplação
maior que pode sua mortal arquitetura.

VII. A VESTE

O mar veste a paisagem
sabendo ser sua a encantação
a ir despi-la,
sabendo que uma veste
 assim de vento soprada,
 baloçando numa tarde do mundo
 (sua cor e tessitura,
 sua anunciação mais redentora),
é ao olho
princípio de todo caos.

VIII. OS PEIXES

A José Lezama Lima, em memória

Abrem o poema pelo vôo.

Erguidos vão dum mar-paradiso;
transitam ao fogo da língua e do corpo extremo
(apropriação do vidente que os ergue)
 com seus torsos
 rasgando águas
 ensolaradas claras
movedoras dos homens
 explícitos na paisagem
(sobre cujos ombros –
 vivos tingidos –
vai a doçura).

IX. OS CANAVIEIROS

Os canavieiros fecham a claridade;
abrem as águas noturnas de nosso nutrimento
com alegria.

X. OS NÁUFRAGOS

1.

São eles os mais de aqui:
as lanternas não bastam para lhes aclarar
os olhos

vermelhos.

A praia (também ela, sobretudo ela)
sob o escuro
é vermelha.

Além

(onde há casas,
corpos dados ao sono ou ao amor)
ardem lumes que,
 ao longe,
celebram-se por mínimos fachos
pincelados sobre um promontório
 recortado aos olhos
dos que agonizam o mar de aqui.

As lanternas

vermelhas
ao mar escuro
 fecham a paisagem.

2.

Os naufragos sobrevivem o mundo,
sobrevivem a paisagem –
a vida escorrendo entre as réstias do poema
como *a cicatriz tão longe*
*de uma ferida tão dentro*⁶.



O CORAÇÃO DO AZUL

Aquele a quem só o azul o salvaria

A poesia do pescador
é esse mar de azuis.

Com suas mãos
é ele quem reescreve todas as águas
por onde se deitarão
o sono
e as viagens.

Com sua arte
ele reduzirá
essa fome
do homem
visto de detrás dos olhos –
onde todas as flores são marinhas
e o amor

é erva orgânica
que se deita à língua
(esse músculo
maior dos bichos).

Como, pois, não amar
o coração do azul?
Como não dizer
que a vida inteira de um homem
cabe em suas mãos
quando ele entende
que é tão livre
quanto esse mar (de azuis)

que diante do poeta
se transforma
num exército
de pássaros
voando
além
de seus próprios sonhos?

.....

ARAGUAIA

Os animais

que pastam o canto dessas ervas
não o ouvem.

Nem o homem
que as cultiva
com suas mãos de lavra
(ente da terra)

ouviria
sua desarmonia
rolando
entre a mão
e a grama.

É um canto que já o escrevera
um outro tempo –
quando a poesia não vestia cor,
quando a cor vestia chumbo
(dias de chumbo).

É um canto cristão
atado morto a uma parede
junto ao busto do ditador amado
(um qualquer de nossa língua-mater)
abençoando a Pátria e a Família.

É um canto qual domingo iluminado
acendendo a alegria dos vivos
mas que na idade de sua carne
inda guarda os gritos dos idos –

sufocados num saco-d'água,
num pau-de-arara,
num cristo-redentor,
na escuridão da Ilha,
num dia de lida do Araguaia.

Os animais
que pastam o canto dessas ervas
não sabem a dor que esse verde dói!
Não sabem!

.....

SOBRE DEUS QUANDO HOMEM

*Considero corrupto um animal,
um indivíduo, uma espécie,
quando despreza seus sentidos.*

FRIEDRICH NIETZSCHE
O Anticristo

É preciso não falar demasiado dessas coisas:
os olhos suportam
apenas pequenas verdades;
pequenas verdades
que não escancarem, demasiado, o coração;
pequenas verdades
que acatem os pseudo-anúncios,
na tarde,
de que feliz
é só aquele que
com duas mãos,
dois braços distendidos,
gasta a vida
(tão precária para se prestar a isso!)
carregando sacolas –
que não alimentam (seu conteúdo)
o vazio amor
das famílias
silenciosas
em suas casas
armadas
(o quanto possam)
de distância
e medo.

É preciso não falar demasiado, simplesmente:
há polícia
para o sono
e sua ausência;
dizem mesmo que eles, os polícias,
mudam-se em tudo para melhor velar:
vapor, cão-vagador,
displicente rima,
ímã, serpente,
flor que, de repente,
rompe
alarmando a pedra.

É preciso não falar
qualquer coisa
que ponha mais clara a manhã
que cheira a terra e infância
no interior do país
onde a fome e a alegria
desconcertam a ordem,

onde a moça ferosa diz
“tome seu corpo”
ao irmão seu sem pecado,
e onde também ele diz
“tome seu corpo”
à alma irmã da sua,

onde paredes
de varadiço e palha gasta
pouco guardam
dos corpos novos
que se banham
(ao calor do meio de uma manhã de janeiro)
na água serenada

em alguidar de liso aprumo,

onde a pele não reclama à palavra
qualquer fala –
vale a sua
de pele,
viçosamente viva,
hasteada na desmesura do gosto
doutra pele nova igual.

É preciso não falar coisas dessas:
Deus não suportaria a beleza da vida
e à terra (em rijo e viçoso corpo)
desceria homem

e se poria
nudo deitado
entre campos de odoríferas ervas
a sentir
(noutro a dentro corpo)

Sua divina criação.

É preciso não falar
coisas assim demasiado humanas:
há os que temem a divindade da vida.

São a estes, pois, que voto minha cólera:
que tornem seus olhos ao alto
e os joelhos ao chão
e busquem pelo Deus que,
saciado de gozo,
contempla
(olhos postos num mar salpicado de azuis e canto)
o céu que aí se afunda
e doa.

UMA LIRA AOS INTERDITOS

o domingo
sob que assento damas e putas

(e homens aleijados erigidos,
e homens cegos falocelistas,
e homens surdos alçados)

não é metáfora de nenhuma ordem –
figura que a língua dê ao uso –

o domingo
sob que assento damas e putas
é um espaço
entre azuis extremos
lavado e varrido de agulhas-de-sol –
que, por fim, escorrem
(diaforético-metal)
por dorsos carnes ventres membros
dos *imperfeitos*
(os negadores do antigozo)

o domingo sob que assento o poema,
sob que falo,
é, quanto o possa ser,
um pano para toda tinta de delícia,
uma lira
que esporra
odorando
a manhã
deste dia do Senhor.

BALADA AOS MARINHEIROS DE BERNEVAL

Regressam do mar
as últimas naus
 trazendo
seus mortos e suas ervas.

Insepultos
os corpos
à beira do cais roubam
os olhos marítimos
dos que tingem
 de delito
 a tarde
com a nudeza dos seus
 acariciados
 por outros
 (olhos e mares).

O TEMPO DA DELICADEZA

De que cor será sentir?

FERNANDO PESSOA,
em carta a Mário de Sá-Carneiro

Vai pela vida
(a casa tua que tens!)
e em seus jardins
planta a flor de tua ascese!

Vai pela vida –
teu regato de leite e mel!
Vai!
Põe em ti toda a graça sentida –
que sentir é a medida de tudo!

Vai pela vida!
E não diz
(jamais que de tua boca ganhe língua de palavra)
uma sequer negação
a este absoluto que ela é.

Vai!:
 flor selvagem do mundo,
 te esperamos!

(Tenho gula pela delicadeza
das corolas de teus gumes.)

A VISITA

A um anjo

Possivelmente apenas o coração
veja-o silencioso na urdidura
onírica da noite. Vem do austro
e pousa na torre que o segura

suspenso ao chão. Como se cítaras
violassem o longo ar movido pelo
seu corpo, tudo à volta salme
cânticos, branda ao chão o apelo

dos ossos etéreos da poesia
inacabada que o poeta vela
em seu penoso sono... Chovia...

Ele, todavia, a mim desceu,
deixou-me estes versos
(que os faço meus) e ascendeu.



A BARCA DAS SONHAÇÕES

I.

Há de ser mais bonito o mar que nunca vi –
essa pátria que é a minha!
nunca pude mesmo
ir-me destas singelezas
(espoletas do ínfimo, diria um fazedor de amanhecer).

Eu, neste tempo presente,
vivo é porque anda esta mão minha
por desassentar a crueza da luz
sobre a sofrência em que vamos
uns irmãos com os outros
e a mudá-la em cor de tingir poesia.

Mesmo pegado do pouco delírio que lhe vou a dar,
meu verbo navega
(pobrezito na barca sua em que vai)
para além da tristência de agora-aqui.

II.

É-me um estranho solo este
dos homens desconstrutores das sonhações –
desaceito a veemência de suas arcarias;
bebo-me nas coisas por outra ordem!

alguma cor,

quanto via
era branco
assentado em branco
raspado de cor,

quanto via
era escritamento
da necessária
memória do uso.

Acabando-se-lhe iam
os dias e sua conta
de tempo (haverá
outra medida?)

e a velha do senhorio
da casa ruída
achou-se, por fim,
morta de todo

(na arcaria dos ossos
quanto e tanto
no lembrar dos
que ausentam).

E viu-se a si mudada:
sumo doce de cajarana
e mutamba e cajá-
umbu e goiaba,

e viu-se água de córrego
(o de areia e infância,
o que nunca passa

aos pés calçados de chão),

e viu-se branca
flor de bugari
e branco alvor
de pau-branco,

e viu-se pé
de muçambê
(esse que é mato-poeira
do abandono),

e viu-se pé
de mulungu frondoso
(quiçá) guardando o ruído da casa
(ruído mudo de coisa ruída) de seu senhorio
que era
a casa que era sua.



o poeta,
que entre um edifício e outro
vê o quanto é difícil
fazer com que essa boca também drague
e cuspa
na manhã
a poesia

atropelada pelo trânsito,
proibida pela placa,
pisoteada pela fila,
contaminada pelo inseticida...
faminta!...

baleada pelo praça... –
e bem pode que seja ele o poeta
que entre um edifício e outro
vê o quanto é difícil
saber-se poeta nesta vida!



FLORES MURILIANAS SOB A NOITE

I. OFÍCIOS VERMELHOS

Estavas dentro de tua jaula -
como um sonho de guerra
no ventre das acácias
da manhã.

E dava tua jaula para ruas não conhecidas,
para casas que um dia o foram,
para alheias dores e famílias -
que um dia o foram.

E dava tua jaula para a lira brutal
dos ofícios vermelhos
a que *as lavadeiras no tanque branco*⁷
(suas já tão doídas mãos da sempre mesma faina)
já não lavam.

E tua jaula era a terra inteira
(seu ventre)
rasgada
como o poema
(o triste poema!)
que se esvai
entre gumes tantos
ao tentar abarcar a vida.

II. AS ROSEIRAS NAFTÊNICAS

1.

Quando era noite,
viste *as roseiras de peles de homens*⁸
e sobre teu coração
estenderam-se os mortos -
d'além paragens
e daqui.

De aqui que é arcada
e túmulo
a nossas tombadas almas
sob a imensidade dos destroçados,
sobre rabiscos de amor e gentileza
em papéis de assassínio.

Não se ouve uma ave
pelas funduras do céu,
não se ouvem os homens,
tudo é silêncio:
 quedaram-se todos
 sob o pânico das harpas de ar
 municipiadas
 de cólera.

Era esta a hora das germinações prometidas!

E que nos deu a noite
senão sua pós-manhã
vestida das flores
 dos ventres abertos?

2.

Fracassamos todos!

E éramos tantas as bocas
e éramos tantos os braços
e não gritamos
e não fizemos estanque a medonha roda descomunal
triturando homens
e fetos.

Fracassamos todos!:
tão medonha roda
ainda se lava de orvalho,
presença de amor, música de pássaro
pelos dias do mundo.

3.

É morta toda singeleza.

4.

Mas uma erva rompe os escombros (não uma flor) -
a noite se alarma:

algo bate
sob a arquitetura dos ares do tempo;
algo nasce das entranhas naftênicas
de uma coisa sem nome.

OS HOMENS QUE AMARAM OS HOMENS

Os homens que amaram os homens,
no reino dos dias fechados em colos de blindagem e
pólvora,
se findaram.

*(E cá,
entre o poema,
entre suas carnes
meta-se uma fala:*

*se este escrevente,
vez muita, confessado fique,
repete-se
[repete a pólvora, o aço, a blindagem],
que em seu socorro se venha dizer que
se se repete o poeta,
é que, mais que ele, se repete a inumania,
a bruteza com que vamos uns com os outros:
e o poeta apenas repete [reinventando]
a vida!)*

Os homens que amaram os homens
ausentam a paisagem,
figuram entre
os mitos extintos
de nossas arqueologias,
como um fóssil,
como um feto de Deus em pedra
exposto entre vidros à prova de balas.

Os homens que amaram os homens

já não descem aos céus:
da terra
um ar de explodidas seivas
 esfuma a faina do sol
que, retirado da dança das órbitas, reinventa suas
substâncias
para o feitio da Tremenda Ausência.

Os homens que amaram os homens -
os paridores de começos,
os epifânicos poetas das eternessências,
quedaram depois do último sepultamento
 daquele feto-fóssil.

Se choraram, ninguém pôde ver:
 ninguém havia.



A CASA DOS DEUSES IDOS SEM MIM

*Exilámos os deuses e fomos
Exilados da nossa inteireza*

SOPHIA DE MELLO B. ANDRESEN
O nome das coisas – Exílio

Vossa casa
é restada
entre os tombamentos
que
há muito
ervam a terra.

Nela,
dos dias gloriosos,
nenhum eco,
nenhuma longínqua salmação,
nenhum (inda que esmorecido) grão de ida voz rogada.

Nela,
das glórias dos dias,
nenhuma memória.

Vossa casa
repousa (como os vossos pés quebrados) imóvel sobre
um imenso
túmulo de tempos

futuros.

*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*
*

BEIRUTE ANTE MEUS OLHOS

I.

Aqui é a rua Abdel Malak,
ali a praça Nijmeh,
e eu nunca vi esta cidade,
e nunca vi suas gentes,
e não sei de suas medidas e extremas,
não sei de suas cores,
 seus mortos,
de suas casas não sei
(se apinhadas, se esparsas),
de sua escritura,
de sua língua

 (que gosto terá
 ao escorrer,
 boca a boca,
quando se faça a noite
nos cafés e nos bares?).

Esta é Beirute (leio)
e um leão de asas encima um seu prédio,
à direita de quem vê,
ao topo da página
da revista comprada na banca
de um senhor meio triste
que vive de comerciar distâncias.

 Aqui é Beirute
(está ela ante meus olhos)
e não sei porque se diz que “renasce dos escombros”.

Que ignorância a minha,
saber apenas que esta é Beirute
se é justo entre o nome e a carne das coisas
que habita a substância de tudo!

Que mal este meu
de inventar de dizer coisas
teimadas em ser vistas por outra ordem,
pois que a ordem estreita
diz-me que minha Beirute
(a minha Beirute!)
é ilustração da revista semanal, apenas.

Que mal este meu
de ler sombras e matos
e luz e rua e leão de asas
e vesti-los de uma qualquer delicadeza!
Que *sede de belezices*⁹ me seiva a alma?
Que *gosto muito de emendar a vida*¹⁰ é esse?

II.

Página oposta,
uma criança entre a lama;
atrás de si um estádio em ruínas:
leio que fora depósito de munição
bombardeado pela aviação israelense
no tempo da guerra.

Que dizer?
Caberão na poesia as ilustrações deste tempo?

OS DIAMANTES DE SERRA LEOA

suas arestas são gumes:
não de cortar epiderme, mão nua;
são gumes que cortam antes
 (no haver entre a mão e a pedra),
cortam no instante estrito
 (à guisa do feitio de um cão
 lançando-se à espoleta)
em que o olho
se desaba sobre a esquálida arquitetura
dos meninos mineiros,
 seus apanhadores
 (que trazem a infância
 tão perdida –
 funda –
 quanto a conta dos mortos
 ficados sob terra
 gritando às oiças dos vivos)

BEIRA

*A Mia Couto, pois que também eu,
se um dia me arriscar num outro lugar, hei-
de levar comigo a estrada que não me deixa
sair de mim.*

TERRA SONÂMBULA

I.

Beira não existe para mim,
a não ser nos livros
de um homem que a carrega
dentro em si.

E como uma coisa
(e toda coisa é uma substância,
ou muitas; matéria, pois sim)
que não caiba
dentro em nada,
Beira transborda:

uma sua rua se desenha
entre a doçura ou a aspereza
de três, quatro palavras
se entranhando e dizendo
das gentes suas;

uma sua morada
se ergue
(de cimento ou caniço)
no ajuntamento das linhas
de um meu verso

(um transcrito sentinte de coisas
mais que verso);

uma sua noite se carna
no tanto que um ror de palavras
reza contar,
conquanto
tudo dentro dela
permaneça pingando
senão
fios de dizimento –
e fios só!

Beira é a terra do Outro e dos Seus,
será sempre
(e “*O Outro*” é o fantasma que nos assombra,¹¹
já se disse),

que eu não domo. Mas
Beira
cabe em minha fala
justo pelo olho desse Outro
(que a carrega dentro em si)
desenhada
no meu
pelo Seu
verso.

II.

(Um miúdo num machimbombo,
uma guerra... –
e a ilusão retece a vida
e a estrada!)

III.

É, pois, o olho
mais fundo que a vista:

ida do olho,
a terra de cada um
faz estação-de-flor-e-fruto

na memória.

A poesia
também responde por esse nome:
memória sentida –
afinal,
a palavra é nada
sem essa substância
(que não é matéria, pois não;
é poesia, poesia só!).



BOMBAIM

Não te sei a cor
com que dizer-te minha,
não sei o verso
para teu habitamento
nesta língua minha, mas
leva, ó Bombaim,
meu coração daqui.

Não te sei um mínimo traço:
gentes, arquitetura, vozes,
gozo, fé e o mais –
nada te sei, mas
leva, ó Bombaim,
meu coração daqui.

Leva!... Leva e sopra
(feito um dançado ar
parindo recém-flores
pelas noites de teus quintais,
sobre o sujo dos tetos
de tuas casas)
meu coração,
que aí é que me quero
aprendendo-te a vida
(isto que é tudo –
e passa, porém).

Leva, ó estrangeira terra,
ó minha Bombaim,
meu coração daqui!

FORTALEZA

Ela se me abriu
(em sua toda cor)
gasta e pestilenta
qual a ossatura em viva ferrugem
de monumentos de paz
em dias gélidos de guerra.

Mas cá não há guerras
e os mortos havidos
guardam no corpo
senão
desgraças doutra
triste e voraz ordem
(improgredida que é).

Ela se me abriu
como as veias do lodaçal das margens
se abrem para conter o centro
e as coisas que florem
do cimento e das luzes
e depois se fecham
em punhos de mais valia
furando os céus sobre o mar.

Ela se me abriu
como uma terra estrangeira intra:
mamei-lhe então seus
*peitos de pedra constelados de prenúncios.*¹²

E todo prenúncio se me entranhou

pela mão,
pela carne mais funda
por onde veio a correr-me
suas todas velocidades
(que noutra *cidade sonora*¹³
já se disse serem tantas),
suas todas águas
(tão desiguais
sob o mesmo peixe-de-sol),
suas todas formas de se dar
ingrata e lodosa
aos filhos dos (ditos) verdes mares,
de se dar putrefata
a quem lhe dá sumo e cerne
(osso para a pele leve da paisagem).

Ela se me abriu
(minha Fortaleza, a minha Fortaleza)
quando dei por mim
mirando seus olhos de infância e doença
(interditos a sonho),
lá onde a paisagem estanca
para renascer com os cheiros e gostos
duros da vida.

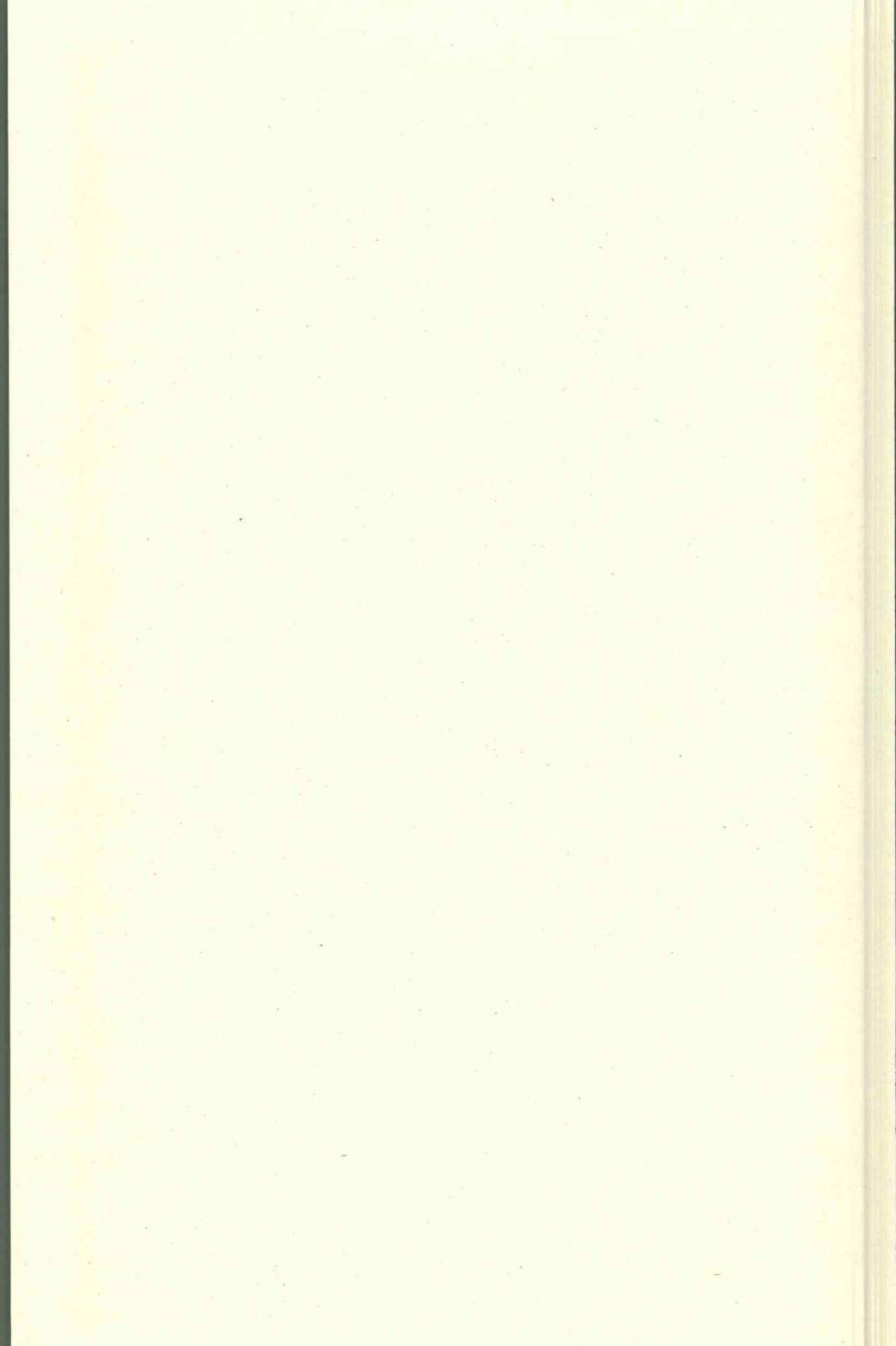
Ela se me abriu
(minha Fortaleza, a minha Fortaleza)
assim:
como uma vista que dói
e clama olho e mão que a repare,
porém tão mais viva que aquela outra
(paisagem de fumo
sem osso por dentro)
que por qualquer sopro

se vai.

PROFECIA

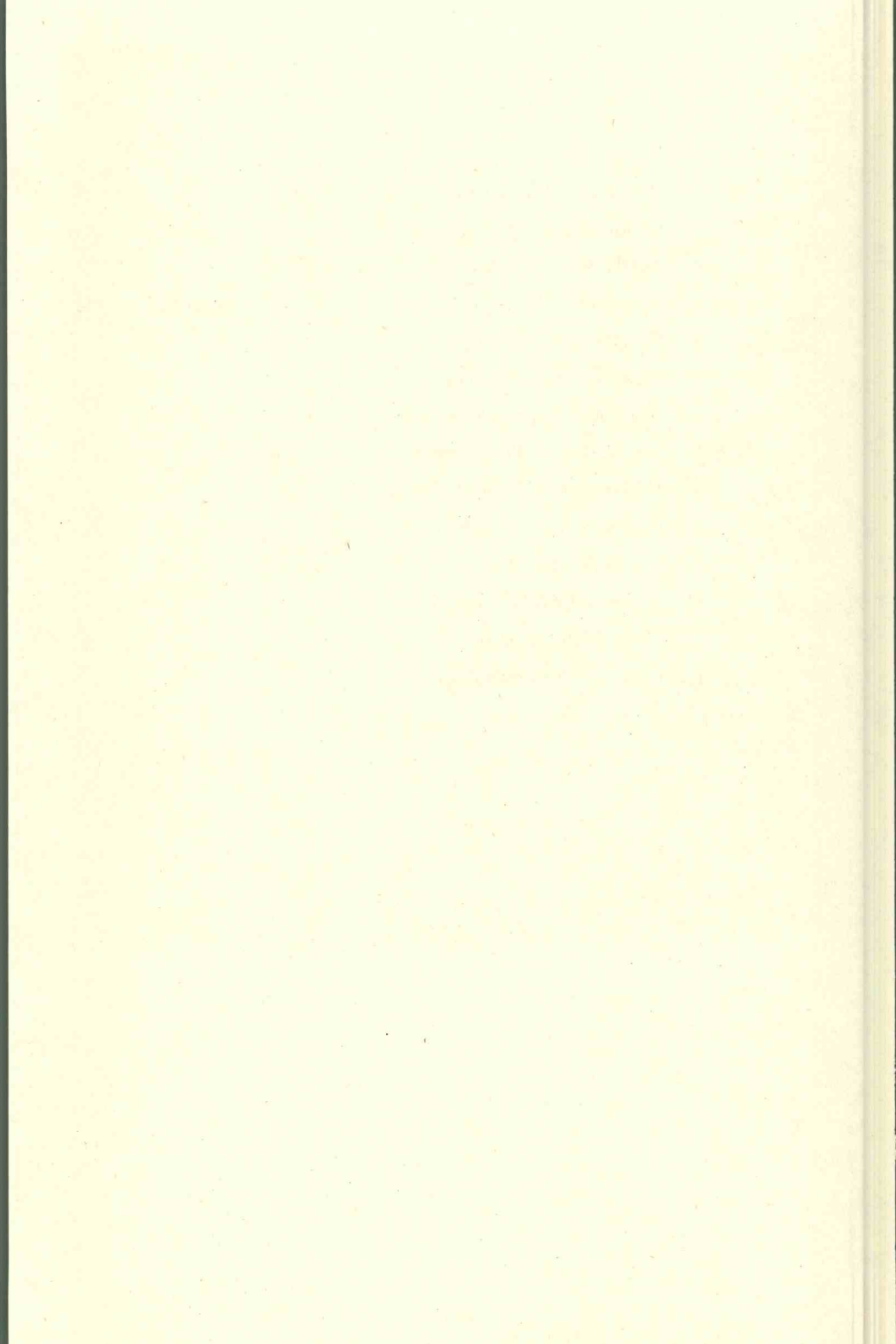
Há homens
com corpos feitos de sonho
aos quais não ferem
as armas da terra.





NOTAS

1. Referência ao poema Mãos dadas (de *Sentimento do mundo*), de Carlos Drummond de Andrade.
2. Nélida Piñon, *Sala de armas* – O cortejo do divino.
3. João Cabral de Melo Neto, *O engenheiro* – A lição de poesia.
4. Ferreira Gullar, *Muitas vozes* – Coito.
5. Majela Colares, *A linha extrema*.
6. Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.
7. Murilo Mendes, *Poesia liberdade* – As lavadeiras.
8. Murilo Mendes, *Poesia liberdade* – Elegia nova.
9. Luandino Vieira, *João Vêncio: os seus amores*.
10. Luandino Vieira, *João Vêncio: os seus amores*.
11. Michel de Certeau, *A escrita da História*.
12. Cecília Meireles, *Viagem* – Terra.
13. Ferreira Gullar, *Poema sujo*.

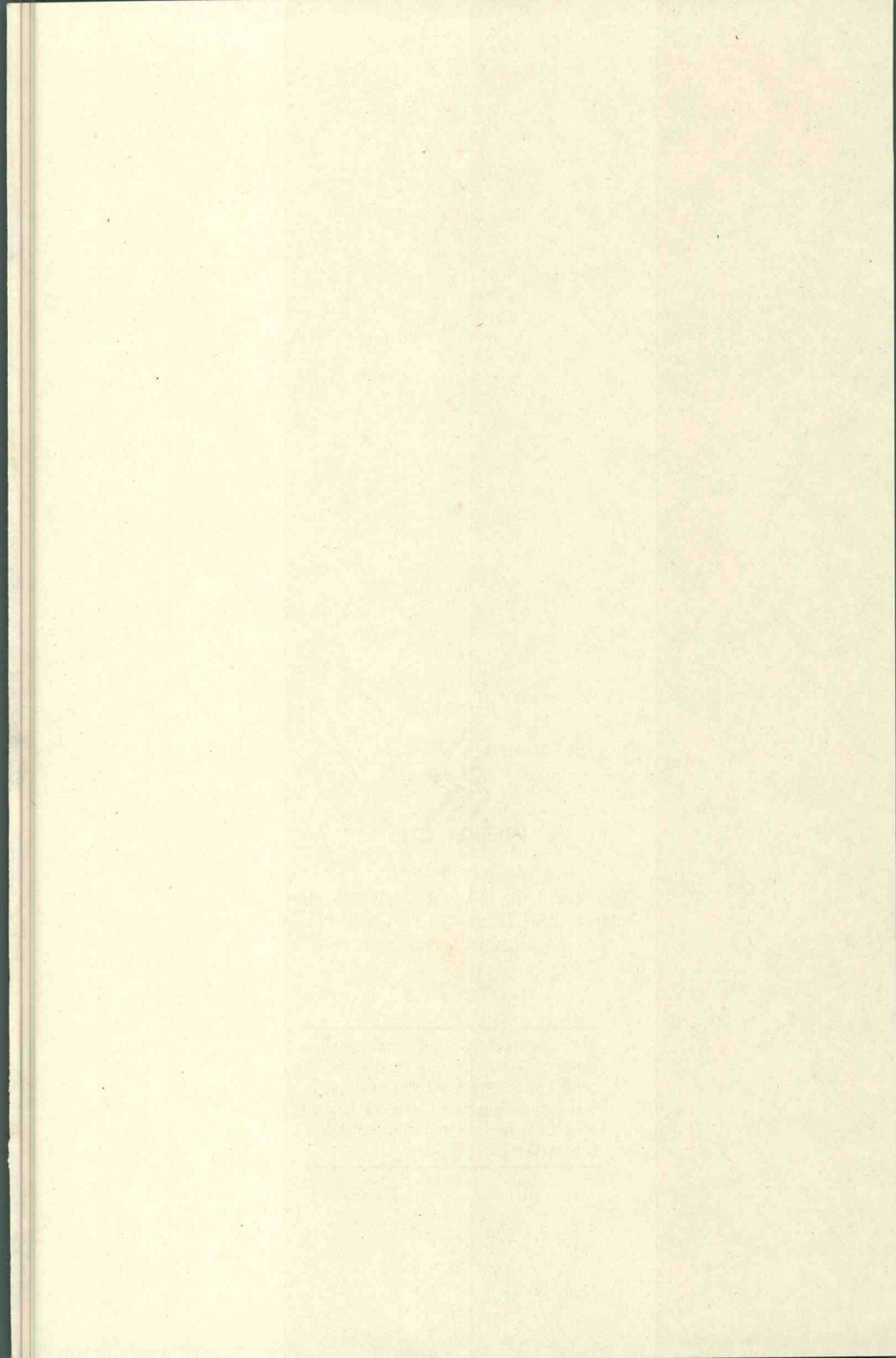


*Pronuncio a lira dos gumes
como quem alteia salmos*

(do Salmo aos gumes ou
Oratório ao açougueiro sem câimbra nos braços)

D. B.

CONTATO COM O AUTOR:
Rua Cel. Antônio José de Freitas, 1164 – centro
Jaguaruana-Ce – CEP: 62823-000
e-mail: derciobrauna@bol.com.br



Impressão



Rua Dom Jerônimo, 260 – Otávio Bonfim
Telefax: (85) 3281.2841 – Fortaleza – Ceará
realce@mcnet.com.br

Este livro foi composto na tipografia
Garamond, tamanho 12, impresso em
papel Pólen Soft 80g/m², capa em Cartão
Supremo 250g Linha D'água, no formato
14 x 21cm na Realce Editora e indústria
Gráfica. Outubro de 2005.

DÉRCIO BRAÚNA nasceu em 1979; é cearense, de Limoeiro do Norte. Sua estréia individual dá-se após participação em diversas antologias resultantes de várias premiações nacionais: I Prêmio Literário Livraria Asabeça-SP (poesia e conto), Painel Brasileiro de Jovens Escritores-RJ (poesia 20º volume), I Concurso Nacional de Poesia Abrace-DF/Montevidéu, Antologia Poética Universidade Vale do Paraíba-SP (2003), entre outras. A presente obra foi selecionada no II Edital de incentivo às artes da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará-2005.

*Eu, neste tempo presente,
vivo é porque anda esta mão minha
por desassentar a crueza da luz
sobre a sofrência em que vamos uns irmãos com os outros
e a mudá-la em cor de tingir poesia.*

*É-me um estranho solo este
dos homens desconstrutores das sonhações -
desaceito a veemência de suas arcarias;
bebo-me nas coisas por outra ordem!*



*ESTE PROJETO É APOIADO PELA LEI ESTADUAL DE
INCENTIVO À CULTURA - Nº 12.464, de 29 de Junho de 1995*


REALCE
Editora & Ind. Gráfica Ltda.
Marca de Qualidade